



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL

2013  
Ano Internacional da Estatística

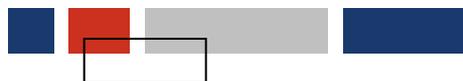
[www.statistics2013.org](http://www.statistics2013.org)



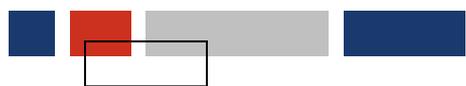
# » Contas Nacionais Portuguesas Contas Satélite

## Ambiente, Saúde, Economia Social

Departamento de Contas Nacionais  
Serviço de Contas Satélite e Avaliação de Qualidade das Contas Nacionais

 04.02.2013





# Índice



1. O que são contas satélite?

2. Contas satélite no INE

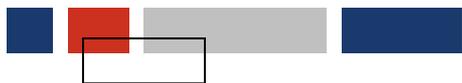
2.1. Ambiente

2.2. Saúde

2.3. Economia Social

■ ...





# 1. O que são contas satélite?

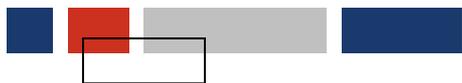
## 1.1. As Contas Satélite no SCN 2008



O SCN inclui **contas satélite**, o que comprova a sua flexibilidade: através da utilização de contas satélite, a relevância das contas nacionais é aumentada sem afetar a comparabilidade do quadro central. As contas satélite proporcionam um quadro, associado à contabilidade central, que permite concentrar sobre um determinado domínio ou aspeto da vida económica e social. Exemplos comuns são as contas satélite para o ambiente, o turismo ou a saúde.

Fonte: Eurostat | Essencial SCN (p.12)





# 1. O que são contas satélite?

## 1.2. As Contas Satélite no SEC 2010

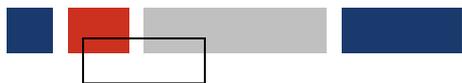


**22.02** As contas satélite permitem elaborar ou modificar os quadros e as contas do sistema central para responder a necessidades específicas de dados.

**1.41.** As contas satélite satisfazem essas necessidades de dados do seguinte modo:

- a) Mostrando mais pormenores onde são necessários e eliminando redundâncias;
- b) Ampliando o âmbito do sistema contabilístico, acrescentando informação não monetária, por exemplo, sobre poluição e ativos ambientais;
- c) Alterando alguns conceitos de base, por exemplo, ampliando o conceito de formação de capital mediante a inclusão da despesa em educação.





# 1. O que são contas satélite?

## 1.2. As Contas Satélite no SEC 2010



**22.05** As contas satélite podem revestir a forma de simples quadros ou de um conjunto alargado de contas. As contas satélite podem ser compiladas e publicadas anual ou trimestralmente. Para outras contas satélite, podem ser úteis intervalos de publicação mais extensos, de cinco em cinco anos, por exemplo.

# 1. O que são contas satélite

## 1.2. As Contas Satélite no SEC 2010

Quadro 22.1 Apresentação geral das contas satélite e das suas principais características

	Contas funcionais	Contas dos setores especiais		Inclusão de dados não monetários	Detalhes adicionais	Conceitos suplementares	Conceitos de base diferentes	Resultados experimentais e utilização acrescida da modelização	Parte do programa de transmissão da UE
		Ligações a ramos de atividade ou produtos	Ligações a setores institucionais						
<b>1. Contas satélite descritas no capítulo 22 do SEC2010</b>									
Agricultura		X			X	X			X
Ambiente	X	X		X	X	X	X	X	X
Saúde	X	X		X	X		X		X
Produção das famílias			X	X	X		X	X	
Emprego e MCS		X	X	X	X				
Produtividade e crescimento		X		X	X	X	X	X	X
I&D	X	X		X	X		X	X	
Proteção social	X			X	X				X
Turismo	X	X		X	X	X			

## 2. As Contas Satélite no INE

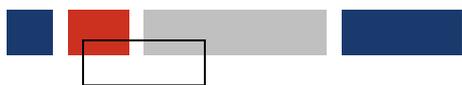
### Apresentação geral das contas satélite desenvolvidas no INE e principais características

	Contas funcionais	Contas dos setores especiais		Inclusão de dados não monetários	Detalhes adicionais	Conceitos suplementares	Conceitos de base diferentes	Resultados experimentais e utilização acrescida da modelização	Parte do programa de transmissão da UE
		Ligações a ramos de atividade ou produtos	Ligações a setores institucionais						
<b>1. Contas satélite descritas no capítulo 22 do SEC2010</b>									
Agricultura		X			X	X			X
Ambiente	X	X		X	X	X	X	X	X
Saúde	X	X		X	X		X		X
Silvicultura		X			X	X			X
ISFL			X		X			X	
Economia Social			X		X			X	
Pesca		X			X	X			
MCS		X	X	X	X				
Turismo	X	X		X	X	X			

## 2. As Contas Satélite no INE

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_contas\\_nacionais&contexto=cs&selTab=tab3&perfil=97154797&INST=116634832](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_contas_nacionais&contexto=cs&selTab=tab3&perfil=97154797&INST=116634832)





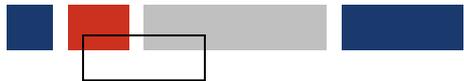
## 2.1. Contas Económicas do Ambiente

### 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### 2.1.2. CONTA DE FLUXOS DE MATERIAIS

### 2.1.3. IMPOSTOS COM RELEVÂNCIA AMBIENTAL





## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### OBJETIVOS

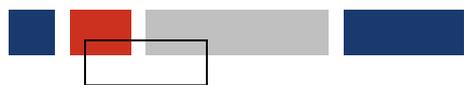
Explicar de que forma as atividades económicas e Famílias interagem com o ambiente, nomeadamente em que medida contribuem para a degradação do ambiente, na sua função de produção e consumo.



Instrumento conceptual que relaciona as Contas Nacionais com as Estatísticas do Ambiente, em particular, as emissões atmosféricas. As Contas Nacionais fornecem informação, em termos macroeconómicos, das atividades económicas que, combinada com dados das emissões atmosféricas, permite a interligação das vertentes económica e ambiental.

Apenas as emissões efetuadas pelos agentes económicos, no exercício das suas funções de produção e consumo, são relevantes, pelo que estão excluídas todas e quaisquer emissões provenientes de outros agentes não económicos (e.g. vulcões).





## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### CARACTERIZAÇÃO

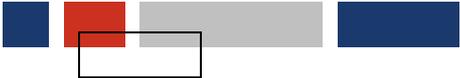
•Obrigatoriedade: **Reg. (UE) N.º 691/2011 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo às contas económicas europeias do ambiente**

Referências metodológicas: **SEC 95, Reg. (UE) N.º 691/2011, *Manual for Air Emissions Accounts*, 2009, Eurostat**

Calendário: **30 de Setembro de n (dados para n-2)**

Série disponível: **1995P-2010P**





## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

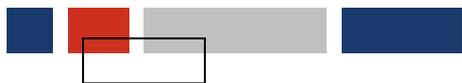
### AS CEA E AS CN

Princípios idênticos aos das Contas Nacionais:

- atividades (nomenclaturas),
- critério de residência e
- regras de contabilização.

emissões atmosféricas efetuadas por agentes económicos, disponíveis por fontes de emissão (SNIERPA - APA)

emissões atmosféricas efetuadas por agentes económicos, **resultantes do exercício das atividades económicas**



## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### AS CEA E AS CN

- Emissões dos **transportes** repartidas por todas as atividades económicas e Famílias que utilizam transportes
- Excluem-se as emissões dos agentes económicos não-nacionais feitas em **território** nacional e incluem-se as emissões dos agentes económicos nacionais realizadas fora do território nacional

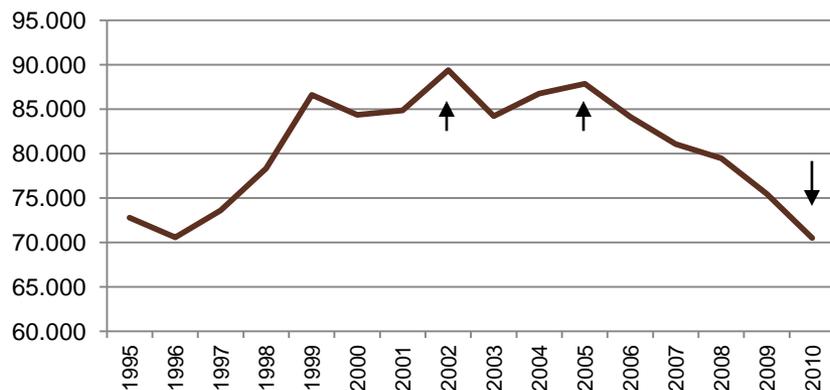


## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS : INDICADORES AMBIENTAIS

Gráfico 1: Evolução do indicador ambiental: Potencial de Efeito de Estufa (GWP)

1000 t equiv. CO2



Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

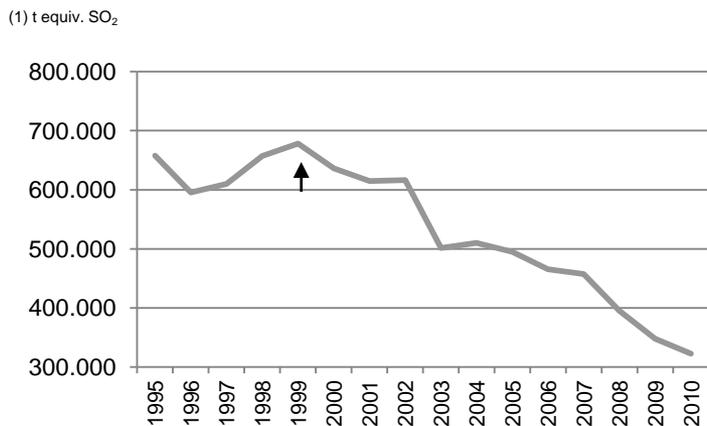
**Potencial de efeito estufa** (dióxido de carbono, óxido nítrico, metano):

- aumento até 1999
- picos em 2002 e 2005 (baixo nível de água nas albufeiras)
- decréscimo após 2005 (gás natural, melhorias de eficiência na produção industrial, energia eólica...)
- 2010: forte pluviosidade

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS : INDICADORES AMBIENTAIS

Gráfico 2: Evolução do indicador ambiental: Potencial de Acidificação (ACID)



Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

**Potencial de acidificação** (óxidos de azoto, óxidos de enxofre, amoníaco):

- Origem: queima de carvão e fuelóleo pelos ramos da energia, água, saneamento e da indústria
- TMCA = -6,5% de 1999 a 2010
- Causas do decréscimo: substituição por gás natural, adaptações tecnológicas (ev. técnica, cumprimento de legislação europeia)

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS : INDICADORES AMBIENTAIS

Quadro 1: Pesos dos ramos de atividade e famílias no Potencial de Efeito de Estufa (GWP)

Unidade: %

Ramos (A8)	1995-1999	2000-2004	2005-2009	2010
Agricultura, silvicultura e pesca	14,3%	12,2%	11,8%	13,7%
Indústria	28,1%	25,6%	25,7%	26,3%
Energia, água e saneamento	29,2%	30,3%	30,3%	26,1%
Construção	2,6%	3,0%	2,3%	2,3%
Comércio e reparação de veículos; alojamento e restauração	2,8%	4,1%	3,6%	2,9%
Transportes e armazenagem; actividades de informação e comunicação	5,4%	5,9%	6,8%	5,7%
Actividades financeiras, de seguros e imobiliárias	0,1%	0,2%	0,2%	0,3%
Outras actividades de serviços	2,6%	2,9%	2,8%	3,2%
Famílias	14,8%	16,0%	16,4%	19,4%

Indústria, energia, água e saneamento são preponderantes

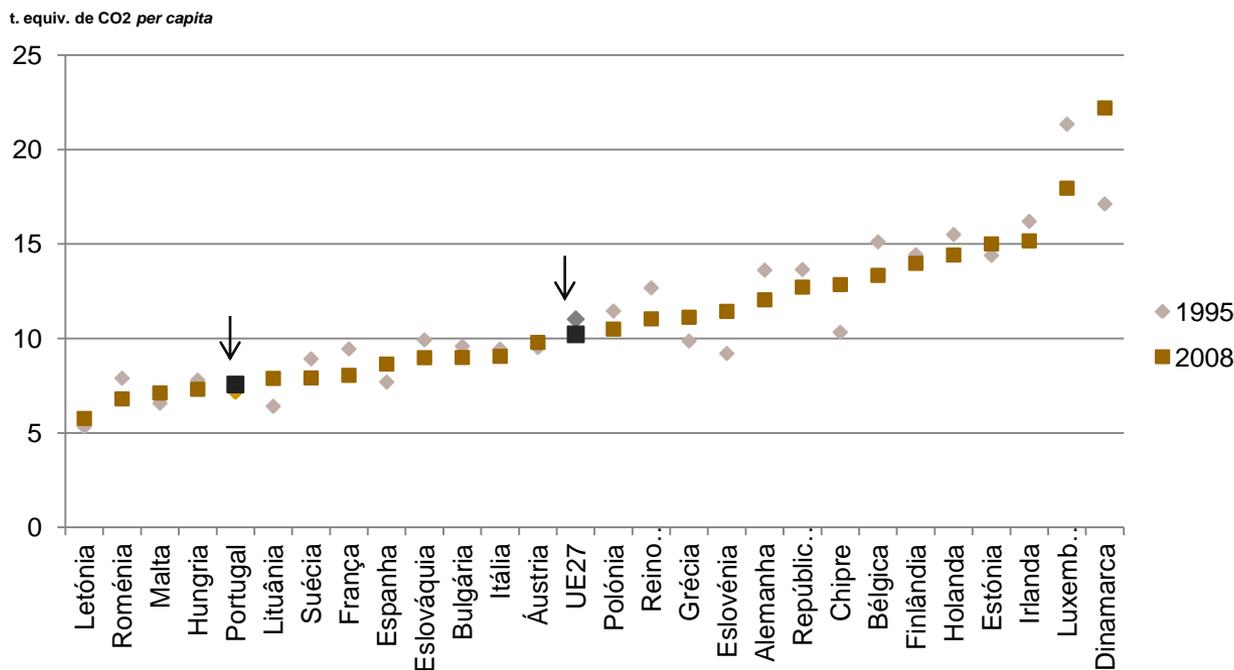
• Famílias com peso crescente, em detrimento da indústria

Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Gráfico 3: Emissões de gases de efeito estufa, *per capita*, na UE, em 1995 e 2008



Fonte: Eurostat, Set. 2012

### Emissões de GEE, *per capita*, na UE, 1995 e 2008:

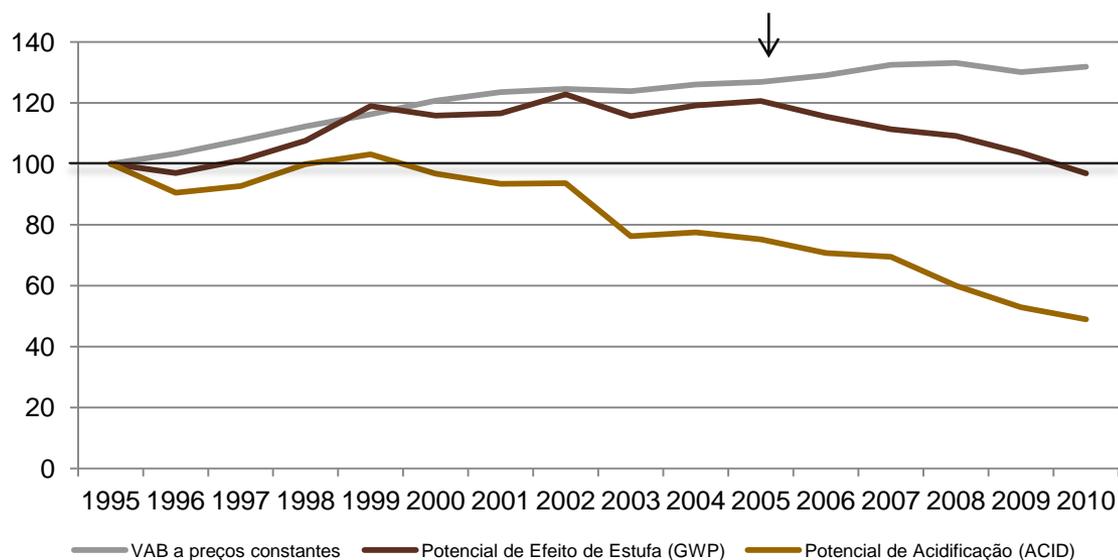
- PT tem uma das mais baixas captações (4ª em 1995, 5ª em 2008)

- 2008: 7,6 ton equiv CO<sub>2</sub> *per capita* em PT e 10,2 ton equiv CO<sub>2</sub> *per capita* na UE

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: INDICADORES ECONÓMICO-AMBIENTAIS

Gráfico 4: Evolução do VAB, em volume, e indicadores ambientais  
(1995=100)



#### VAB e indicadores ambientais:

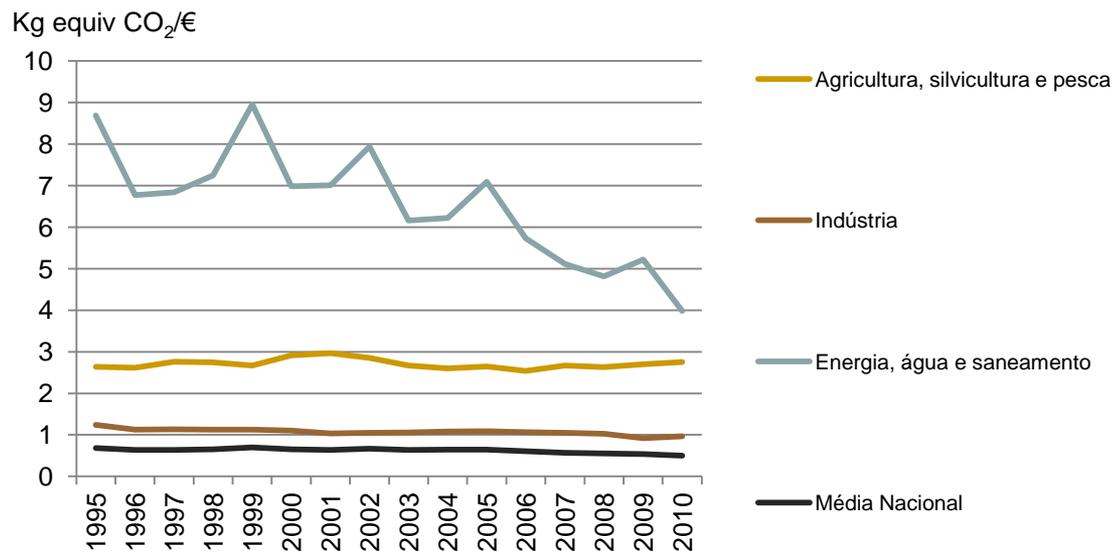
- Potencial de efeito de estufa acompanha desempenho económico até 2005 (mas com TMCA inferior)
- 2006-2008 e 2010: dissociação entre atividade económica e emissão de gases de efeito de estufa

Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: INDICADORES ECONÓMICO-AMBIENTAIS

Gráfico 5: Intensidade das emissões de gases de efeito de estufa, por unidade de VAB gerado, por ramo de atividade

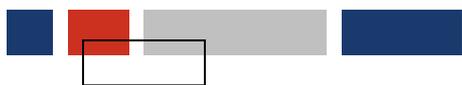


Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

**Intensidade das emissões de GEE, por unidade de VAB, por ramo de atividade:**

• 0,499 kg equiv CO<sub>2</sub>/€ em 2010 e 0,541 kg equiv CO<sub>2</sub>/€ em 2009

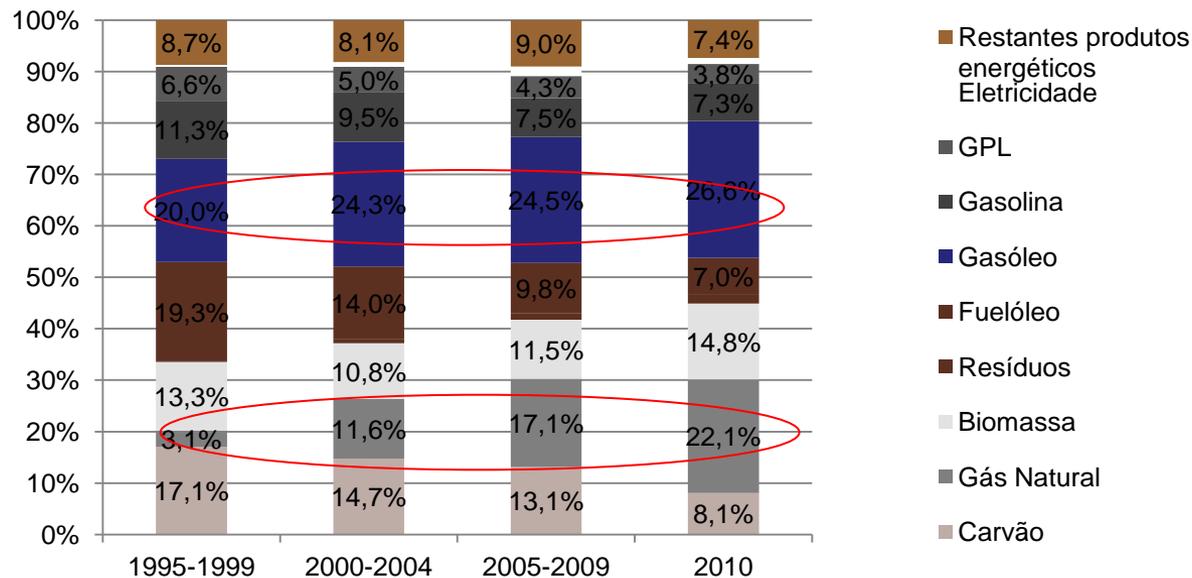
• Energia, água, saneamento, agricultura, silvicultura e pesca e indústria acima da média nacional



## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: CONSUMO DE ENERGIA ASSOCIADO ÀS EMISSÕES

Gráfico 6: Estrutura do consumo energético do país, por produto



### Estrutura do Consumo Energético do país, por produto

- 2010: gasóleo é a forma de energia mais utilizada, seguido do gás natural e biomassa
- Gás natural com importância crescente
- Gás natural tem vindo a substituir o fuelóleo e carvão na produção de eletricidade

Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: CONSUMO DE ENERGIA ASSOCIADO ÀS EMISSÕES

Quadro 2: Consumo dos principais produtos energéticos, por ramo de atividade e famílias, em 2010

Unidade: %

Ramos (A8)	Carvão	Gás Natural	Biomassa	Fuelóleo	Gasóleo	Gasolina	GPL
Agricultura, silvicultura e pesca	x	0,2%	2,3%	0,7%	6,3%	0,3%	1,0%
Indústria	3,0%	40,4%	71,8%	58,4%	6,6%	1,7%	11,7%
Energia, água e saneamento	97,0%	46,6%	3,4%	22,1%	1,1%	0,2%	0,3%
Construção	x	0,6%	2,5%	2,1%	8,8%	0,8%	1,8%
Comércio e reparação de veículos; alojamento e restauração	x	4,2%	2,3%	x	9,2%	0,9%	6,2%
Transportes e armazenagem; actividades de informação e comunicação	x	0,3%	3,2%	10,1%	15,0%	1,6%	x
Actividades financeiras, de seguros e imobiliárias	x	x	0,2%	x	0,7%	1,4%	x
Outras actividades de serviços	x	1,3%	2,0%	6,5%	7,5%	9,3%	1,2%
Famílias	x	6,4%	12,2%	x	44,9%	83,8%	77,8%

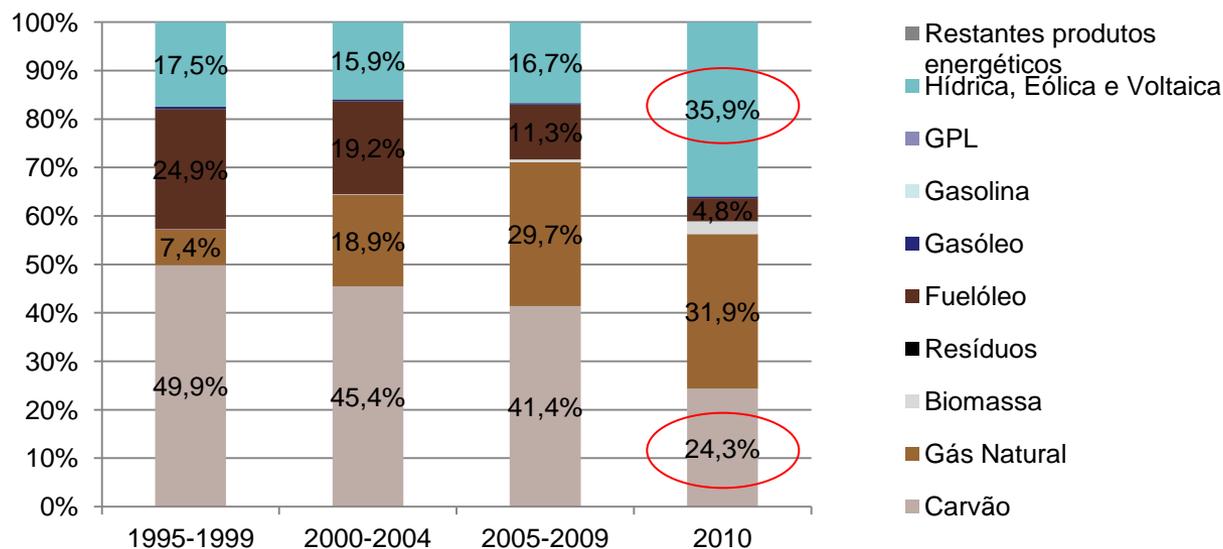
- Carvão quase todo utilizado na energia
- Energia e indústria são os principais utilizadores de gás natural e fuelóleo
- Biomassa utilizada pela indústria (pasta & papel) e famílias (lenha)
- Gasóleo é a forma de energia mais universal
- Gasolina e GPL são utilizados essencialmente pelas famílias

Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012

## 2.1.1. CONTA DAS EMISSÕES ATMOSFÉRICAS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: CONSUMO DE ENERGIA ASSOCIADO ÀS EMISSÕES

Gráfico 7: Estrutura do dos consumos energéticos do Ramo 35



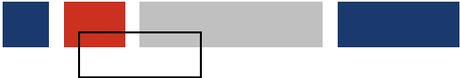
#### Estrutura dos consumos energéticos do ramo da “Eletricidade, gás, vapor...” por fonte de energia

• Carvão e fuelóleo: representavam cerca de 75% em 1995-1999 e 29,1% em 2010. Motivos:

1. 2010 foi o ano mais chuvoso da última década
2. Aumento progressivo da produção de energia a partir da fonte eólica
3. Aumento progressivo da produção de gás natural

Fonte: INE, Conta das Emissões Atmosféricas, Set. 2012





## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

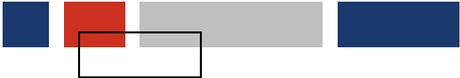
### OBJETIVO

Descrever a interação da economia nacional com o ambiente natural e a economia do resto do mundo, em termos de fluxos de materiais (exclui ar e água).



Avaliar se a economia recorre a um uso mais intenso e progressivo dos materiais ou se, pelo contrário, o crescimento económico é acompanhado por um uso mais eficiente dos materiais extraídos do meio ambiente (desmaterialização).

A economia é demarcada pelas convenções de Contas Nacionais (i.e., princípio de residência e não de território).



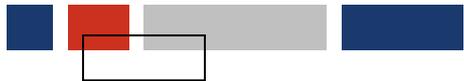
## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### DEFINIÇÕES

#### Materiais:

1. **Biomassa** (culturas e resíduos de culturas, madeira, capturas de peixe selvagem, caça e recolção, etc.)
2. **Minério Metálico** (ferro, metais não ferrosos e produtos maioritariamente constituídos por materiais)
3. **Minerais não metálicos** (rochas ornamentais, outras pedras de cantaria, etc.)
4. **Materiais energéticos fósseis** (carvão e outros materiais energéticos sólidos, materiais energéticos líquidos e gasosos)





## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### DEFINIÇÕES

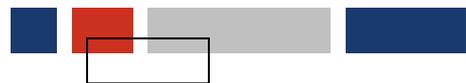
#### **Entradas:**

- **Extração de Materiais do ambiente natural**
- **Importação de bens físicos do resto do mundo**
- Items de equilíbrio: oxigénio utilizado na combustão e respiração e azoto utilizado na produção de fertilizantes

#### **Saídas:**

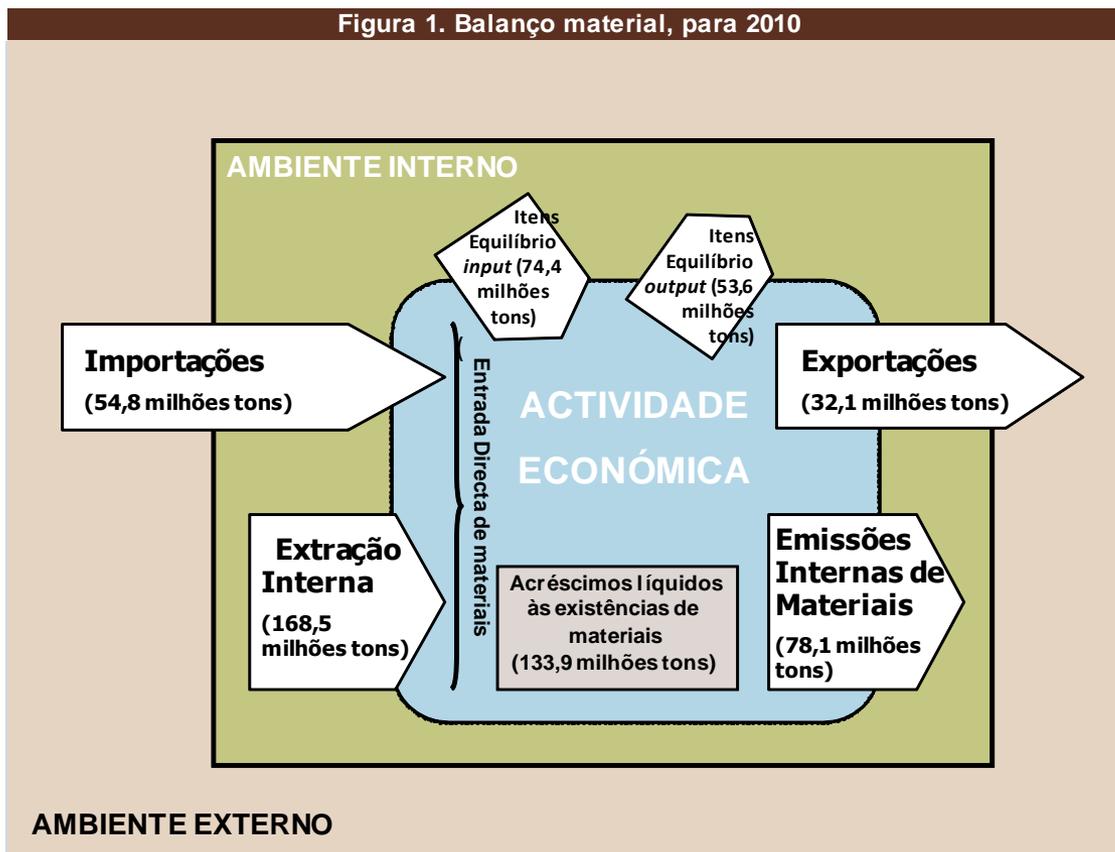
- **Descargas de materiais para o ambiente**
- **Exportação de bens físicos e resíduos para o resto do mundo**
- Items de equilíbrio: vapor de água (resultante da combustão) e gases emitidos por seres humanos e gado (respiração)





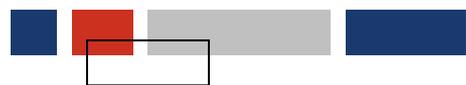
## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### DEFINIÇÕES



Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012





## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

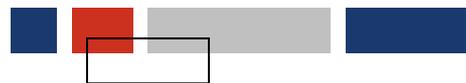
### CARACTERIZAÇÃO

•Obrigatoriedade: **Reg. (UE) N.º 691/2011 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 6 de Julho, relativo às contas económicas europeias do ambiente**

Referências metodológicas: **Reg. (UE) N.º 691/2011, de 6 de Julho, *Economy-wide Material Flow Accounts (EW-MFA) Compilation Guide 2012*, Eurostat**

Calendário: **31 de Dezembro de n (dados para n-2)**

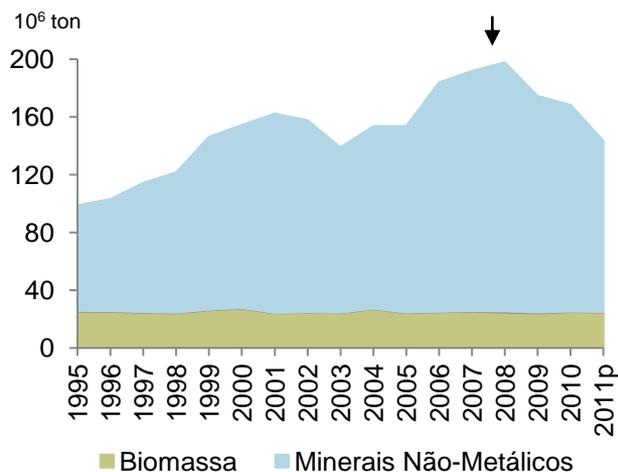
Série disponível: **1995-2011P**



## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

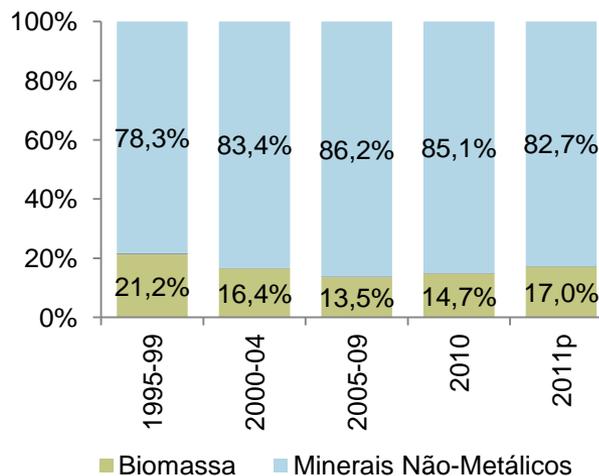
### PRINCIPAIS RESULTADOS: EXTRAÇÃO INTERNA

Gráfico 8: Extração interna de materiais (evolução), entre 1995 e 2011



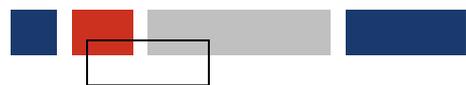
Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012

Gráfico 9: Extração interna de materiais (estrutura), entre 1995 e 2011



### Extração Interna de materiais

- 2008 como ponto máximo
- Minerais não metálicos predominantes em toda a série



## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: IMPORTAÇÕES

Gráfico 10: Importações de materiais (evolução), entre 1995 e 2011

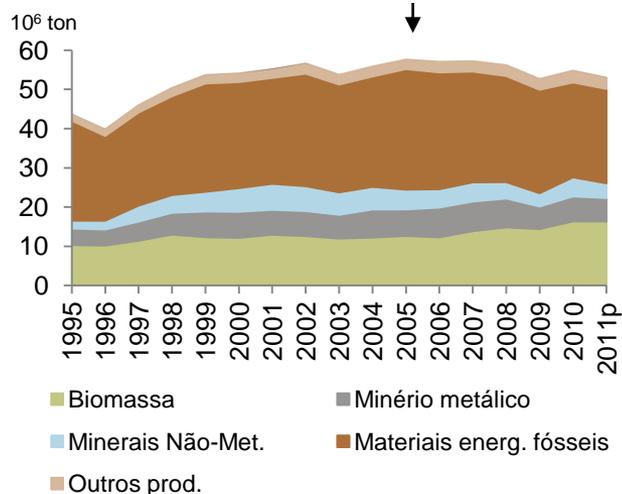
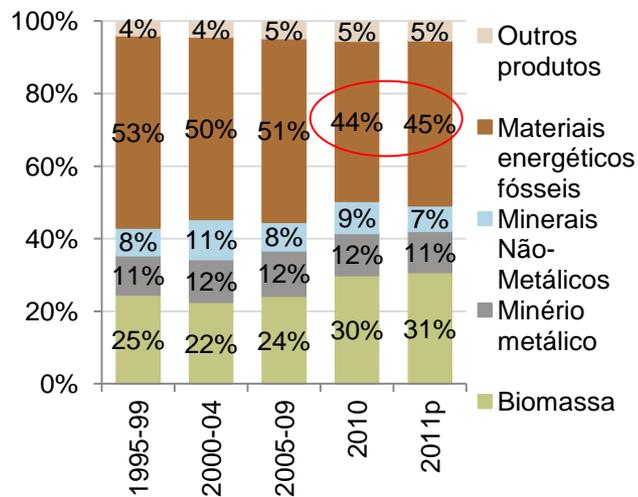


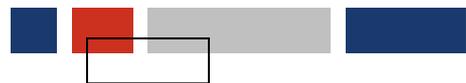
Gráfico 11: Importações de materiais (estrutura), entre 1995 e 2011



### Importações

- 2005 como ponto máximo
- Materiais energéticos fósseis são principal componente (redução expressiva do peso relativo em 2010 e 2011)

Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012



## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: EXPORTAÇÕES

Gráfico 12: Exportações de materiais (evolução), entre 1995 e 2011

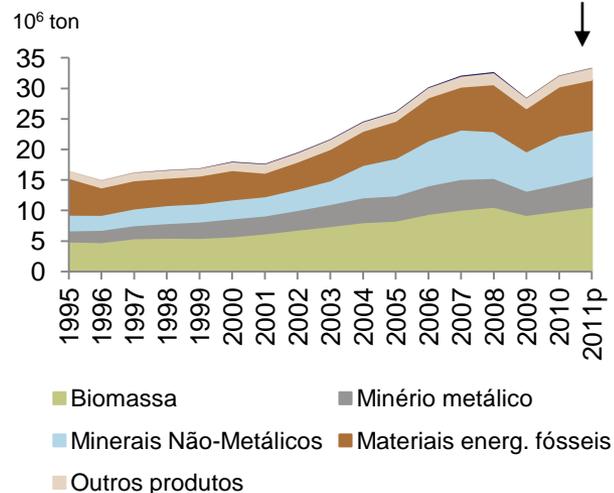
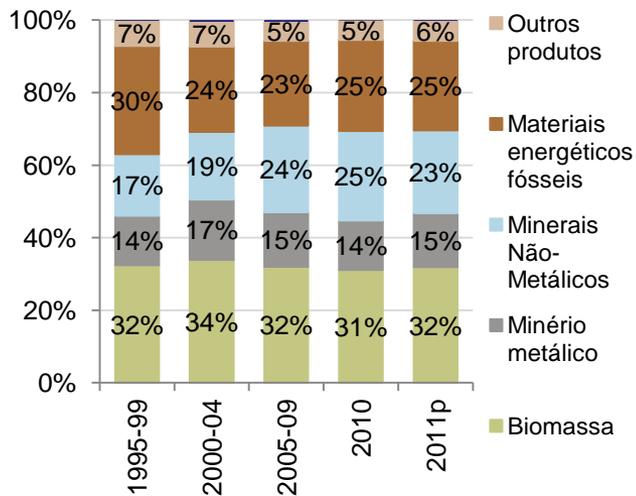


Gráfico 13: Exportações de materiais (estrutura), entre 1995 e 2011



### Exportações

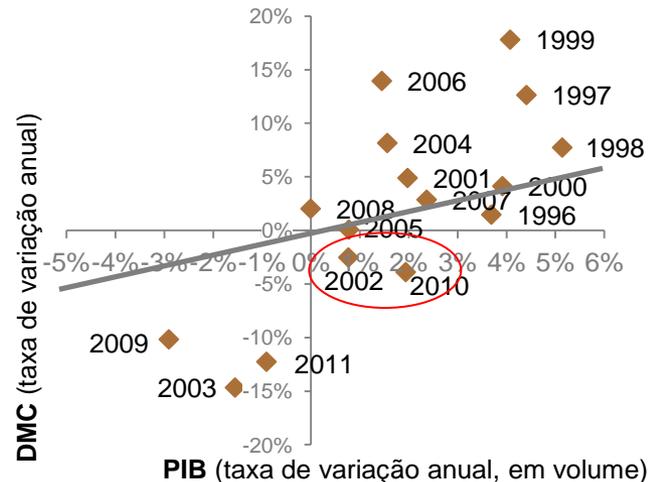
- 2011 como ponto máximo
- Biomassa como categoria mais importante

Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: CONSUMO INTERNO DE MATERIAIS (*DMC*)

Gráfico 14: Tx. de variação anual do PIB, em volume, e *DMC*, entre 1995 e 2011



Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012

### Consumo Interno de Materiais (*DMC*)

$$= EI + I - X$$

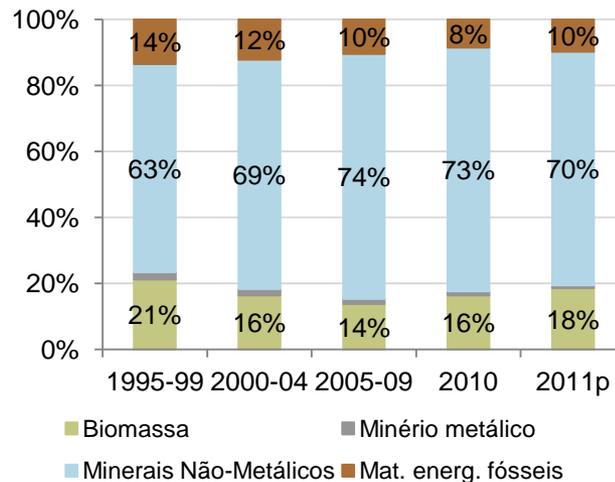
- Crescimento do *DMC* superior ao do PIB até 2008

- 2009-2011: desmaterialização (*decoupling*)

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: CONSUMO INTERNO DE MATERIAIS (*DMC*)

Gráfico 15: Composição, por tipo de material, do *DMC*, entre 1995 e 2011



Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012

### Consumo Interno de Materiais (*DMC*)

$$= EI + I - X$$

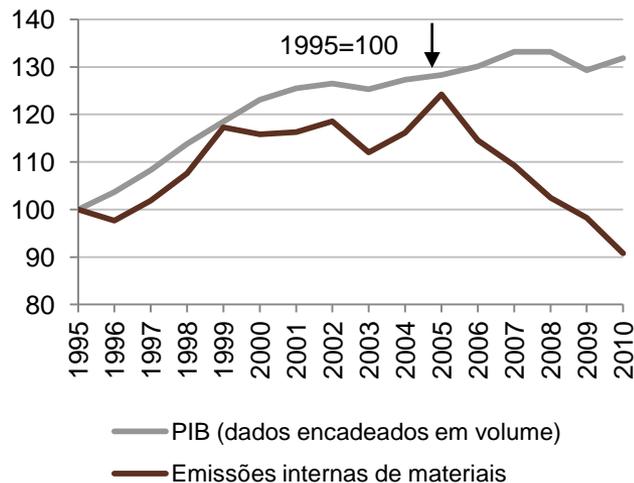
- Minerais não metálicos são predominantes
- Importância crescente (mais acentuada até 2005-2009)

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: Emissões Internas de Materiais (DPO)

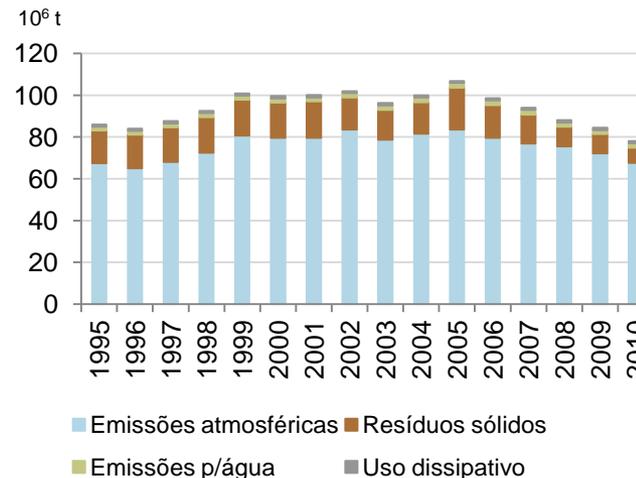
= totalidade de materiais resultante do processo produtivo e consumo das famílias

Gráfico 16: Evolução das emissões internas de materiais (DPO), entre 1995 e 2010



Fonte: INE, Conta de Fluxos de Materiais, Dez. 2012

Gráfico 17: Evolução das emissões internas de materiais (DPO), entre 1995 e 2010



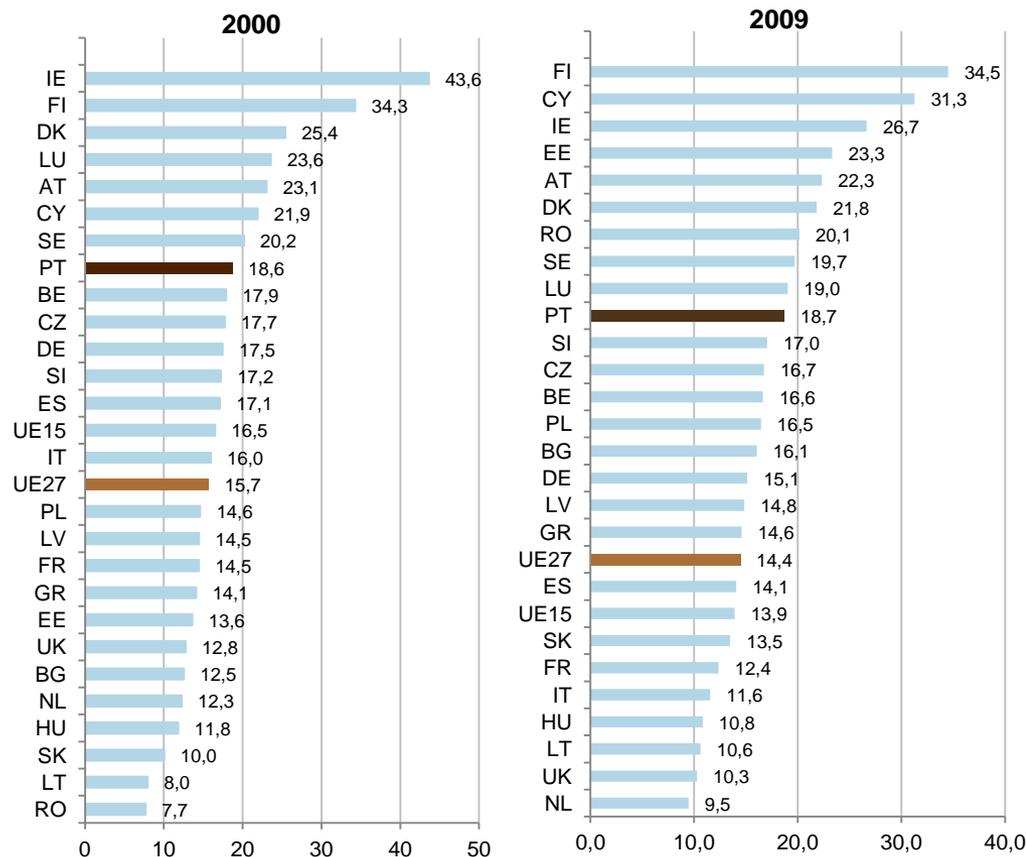
### DPO

- 2005: ponto máximo
- 1995-2010: PIB aumenta 29,8%; DPO decresce 9,3%
- Causas: decréscimo de emissões atmosféricas; valorização dos resíduos

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Gráfico 18: Consumo Interno de Materiais (DMC), per capita, na UE



#### Comparações

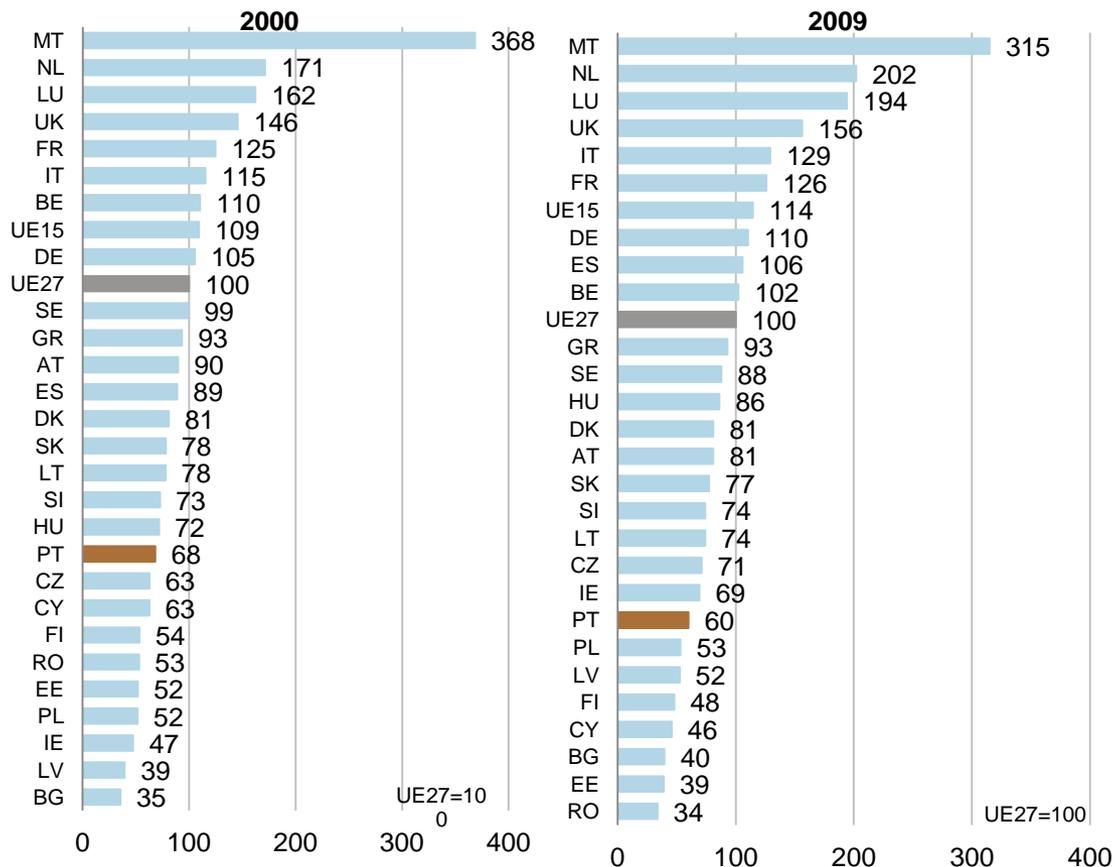
#### Internacionais (2009):

- 10º maior DMC per capita
- 18,7 ton por habitante em PT
- 14,4 ton per capita na UE

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Gráfico 19: Produtividade dos recursos (PIB em PPC/DMC), na UE



Fonte: Eurostat, Dez. 2012



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL

2013: Ano Internacional da Estatística

[www.statistics2013.org](http://www.statistics2013.org)



#### Comparações

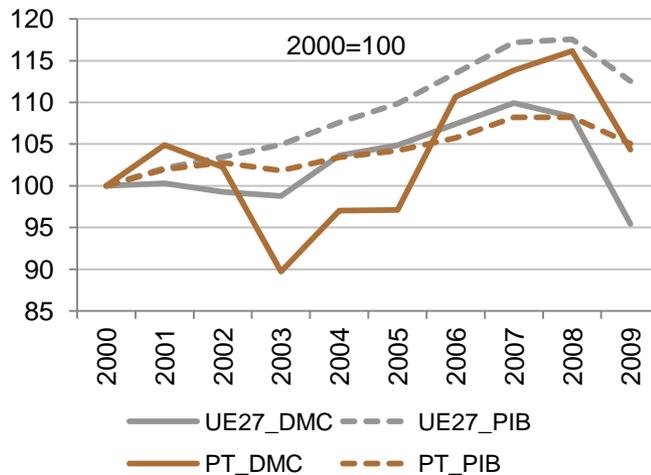
#### Internacionais

- Produtividade de recursos inferior à média europeia
- Distanciamento crescente da média europeia
- Perda de importância relativa no *ranking*
  - 8ª mais baixa produtividade dos recursos em 2009

## 2.1.2. CONTA DE FLUXO DE MATERIAIS

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Gráfico 20: Evolução do PIB e DMC em Portugal e na UE, entre 2000 e 2009

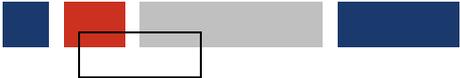


Fonte: Eurostat, Dez. 2012

#### Comparações Internacionais

2000 – 2009:

- UE observa dissociação;
- PT regista DMC com crescimento ligeiramente superior ao do PIB



## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### OBJETIVOS

**Analisar a forma como os recursos económicos de um país são utilizados na prestação de serviços de cuidados de saúde.**

**Na prática, medem a despesa total em cuidados de saúde, integrando as diferentes dimensões que constituem um Sistema de Saúde Nacional, isto é, prestadores de cuidados de saúde, agentes, financiadores e funções de cuidados de saúde.**

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### OBJETIVOS

#### Agentes Financiadores

##### Administrações Públicas:

SNS (HF.1.1.1)  
Subsistemas de saúde públicos (HF.1.1.2)  
Outras unidades da administração pública (HF.1.1.3)  
Fundos de Segurança Social (HF.1.2)

##### Privado:

Subsistemas de saúde privados (HF.2.1)  
Outros seguros privados (HF.2.2)  
Despesa privada das famílias (HF.2.3)  
Instituições sem fim lucrativo ao serviço das famílias (HF.2.4)  
Outras sociedades (HF.2.5)



#### Prestadores de Cuidados de Saúde

##### Prestadores Públicos:

Hospitais (HP.1)  
Estabelecimentos de enfermagem com internamento (HP.2)  
Centros de cuidados de saúde especializados em ambulatório (SNS) (HP.3.4)  
Centros de cuidados de saúde especializados em ambulatório (outros) (HP.3.4)  
Laboratórios Médicos e de Diagnóstico (HP.3.5)  
Outros fornecedores de cuidados de saúde em ambulatório (HP.3.9)  
Administração e seguros de saúde em geral (HP.6)  
Todas as outras atividades (HP.7)

##### Prestadores Privados:

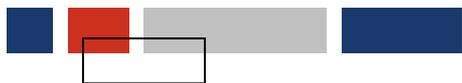
Hospitais (HP.1)  
Estabelecimentos de enfermagem com internamento (HP.2)  
Consultórios ou gabinetes médicos (HP.3.1, HP.3.2, HP.3.3, HP.3.6)  
Centros de cuidados de saúde especializados em ambulatório (HP.3.4)  
Laboratórios médicos e de diagnóstico (HP.3.5)  
Outros fornecedores de cuidados de saúde em ambulatório (HP.3.9)  
Farmácias (HP.4.1)  
Todas as outras vendas de bens médicos (HP.4.2-4.9)  
Provisão e administração de programas de saúde pública (HP.5)  
Administração e seguros de saúde em geral (HP.6)  
Todas as outras atividades (HP.7)

#### Funções de Cuidados de Saúde

Serviços de cuidados curativos (HC.1)  
Serviços de cuidados de reabilitação (HC.2)  
Cuidados de enfermagem prolongados (HC.3)  
Serviços auxiliares de cuidados de saúde (HC.4)  
Produtos farmacêuticos e outros artigos médicos não duráveis (HC.5.1)  
Aparelhos terapêuticos e equipamento médico durável (HC.5.2)  
Prevenção e serviços de saúde pública (HC.6)  
Administração de saúde e seguros de saúde (HC.7)

#### Modos de Produção

Internamento  
Hospital de dia (ambulatório)  
Ambulatório  
Cuidados domiciliários



## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### CARACTERIZAÇÃO

Obrigatoriedade: “**Acordo de cavalheiros**” (SEE); Regulamento em **2016 (T-2)**;

Referências metodológicas: ***System of Health Accounts (SHA1)/(SHA2)***

Calendário: **31 de Março de n (dados finais para n-3, dados provisórios n-2, dados preliminares n-1)**

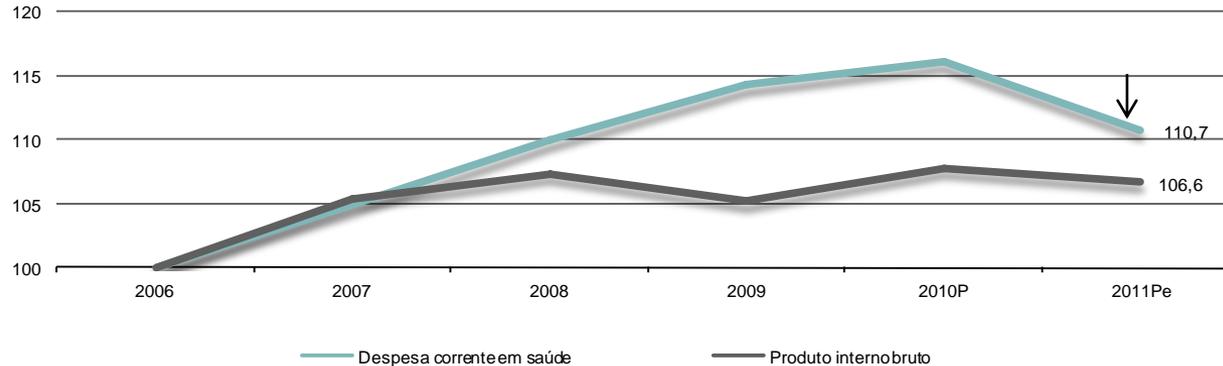
Série disponível: **2000-2011Pe**



## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÃO COM A ECONOMIA NACIONAL

Gráfico 21: **Despesa corrente em saúde e PIB (2006-2011Pe)**  
(variação nominal, 2006=100)



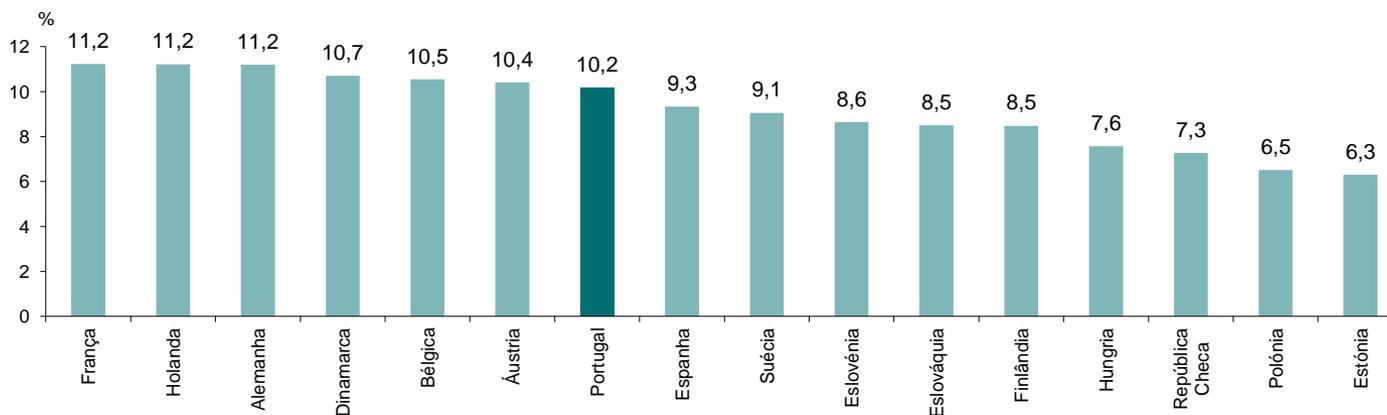
Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

- Entre 2006 e 2011 a Despesa Corrente em saúde aumentou mais que o PIB
- Despesa corrente em saúde decresce em 2011 (primeira vez desde 2000)

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Gráfico 22: Despesa corrente em saúde em percentagem do PIB na União Europeia - 2010



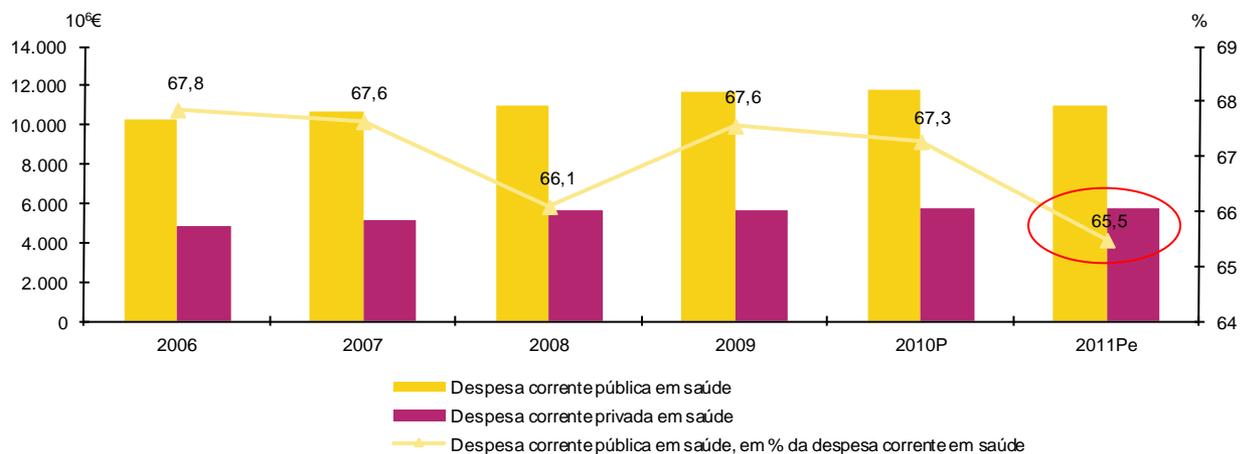
Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

- PT é o 7º EM com maior peso médio da despesa corrente em saúde no PIB

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

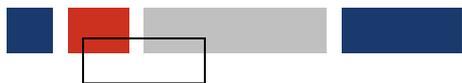
### PRINCIPAIS RESULTADOS: PÚBLICO/PRIVADO

Gráfico 23: Despesa corrente em saúde, pública e privada (2006-2011Pe)



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

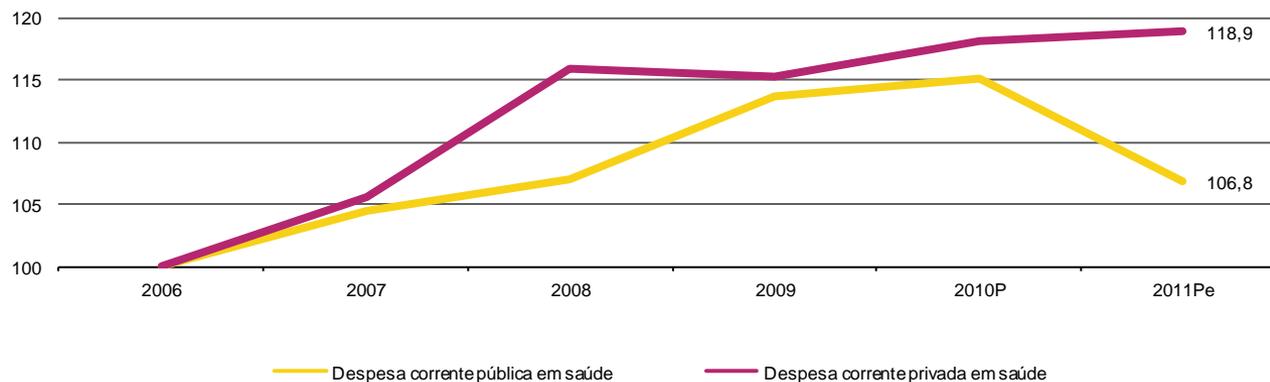
- 2011: mínimo no peso relativo dos agentes financiadores públicos



## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: PÚBLICO/PRIVADO

Gráfico 24: Despesa corrente em saúde, pública e privada (2006-2011Pe)  
(variação nominal, 2006=100)



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

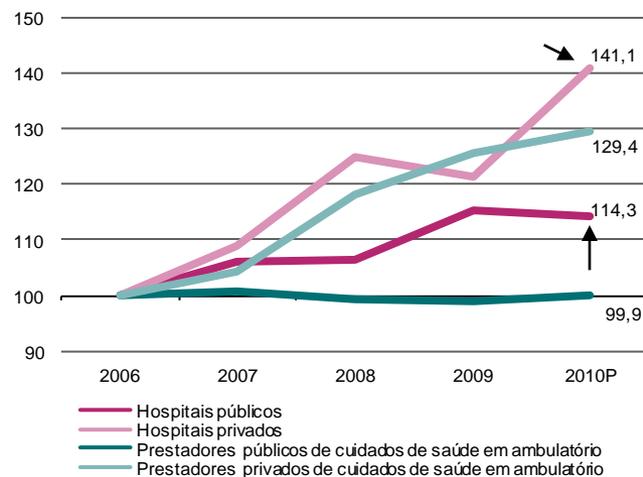
#### 2006-2011Pe:

- TMCA Despesa Corrente Privada em saúde: 3,6%
- TMCA Despesa Corrente Pública em saúde: 1,4%

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: POR PRESTADOR

Gráfico 25: Despesa corrente em saúde, por principais prestadores públicos e privados  
(variação nominal, 2006=100)



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

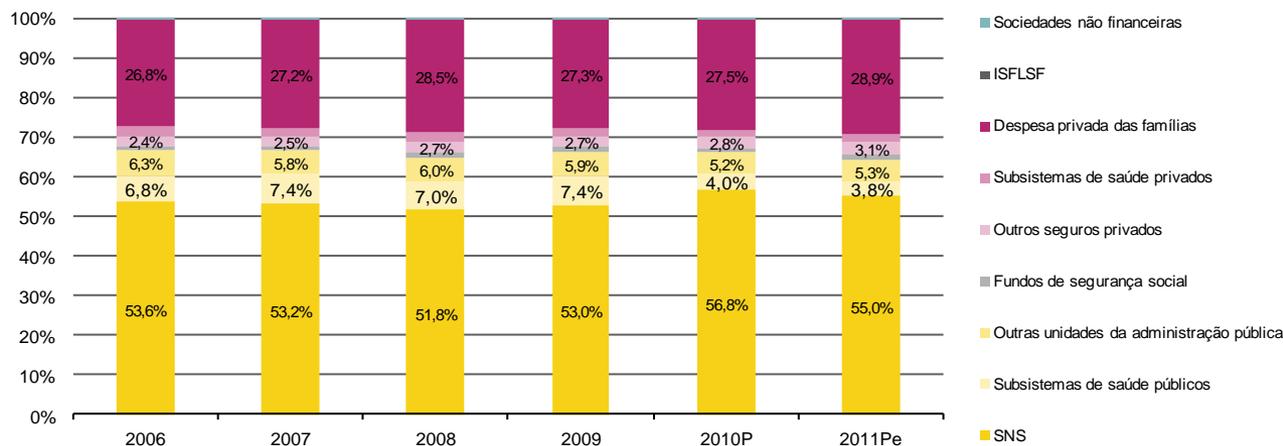
#### 2010:

- Despesa em hospitais privados (inclui PPP) aumenta 16,4% (seguros de saúde e abertura de novas unidades hospitalares)
- Despesa em hospitais públicos (inclui EPE) diminuiu 0,9%

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: POR AGENTE FINANCIADOR

Gráfico 26: Despesa corrente em saúde, por agente financiador (2006-2011Pe)



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

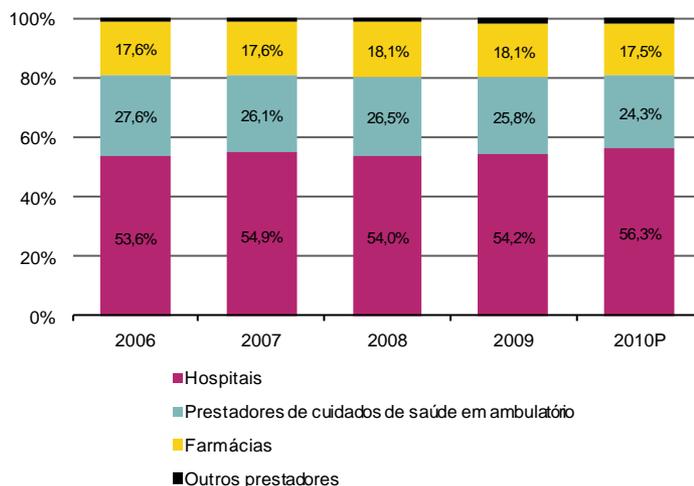
#### 2010-2011:

- Aumentou a proporção da despesa corrente em saúde financiada pelo SNS e famílias (84,1%)
- Aumento dos seguros privados
- Diminuição da despesa dos subsistemas de saúde públicos

## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS: POR AGENTE FINANCIADOR (SNS)

Gráfico 27: Despesa corrente do SNS, por prestador, (2006-2010P)



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

#### 2010:

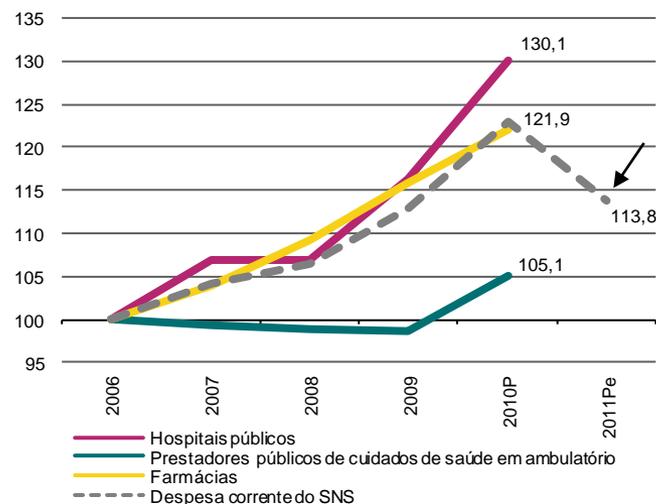
- Novo regime de financiamento (aumento da despesa com hospitais e prestadores de cuidados de saúde em ambulatório públicos)

#### 2011pe:

- Diminuição do valor dos contratos-programa com EPE, das comparticipações nos medicamentos, dos consumos intermédios e custos com pessoal

Gráfico 28: Despesa corrente do SNS, por principais prestadores (2006-2011Pe)

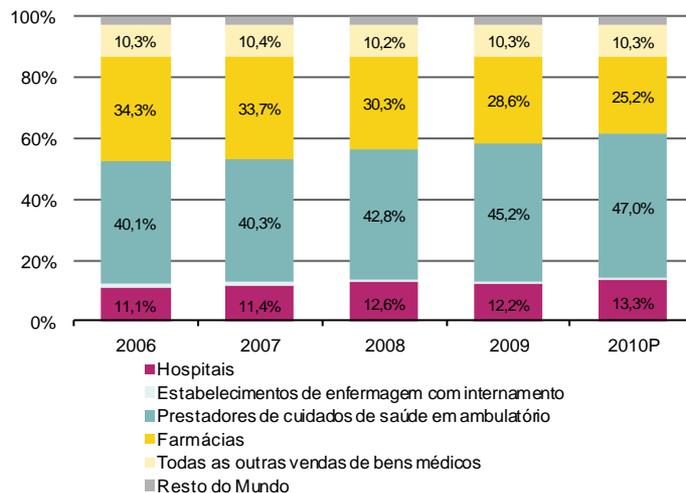
(variação nominal, 2006=100)



## 2.2. CONTA SATÉLITE DA SAÚDE

### PRINCIPAIS RESULTADOS POR AGENTE FINANCIADOR (FAMÍLIAS)

Gráfico 29: Despesa corrente das famílias, por prestador (2006-2010P)

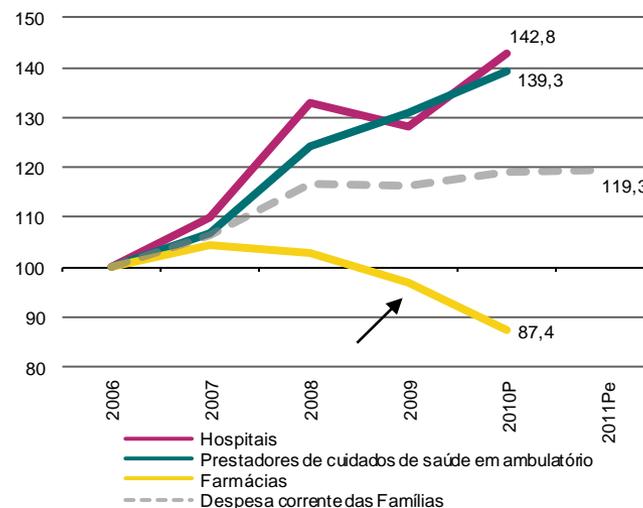


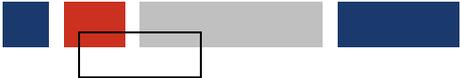
Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde, Mar. 2012

#### 2009-2010p:

- diminuição do peso relativo da despesa das famílias em farmácias. **Motivos:**
  - crise económica e consequente contração da procura,
  - política do medicamento até ao 3ºT de 2010 (comparticipação do 100% para todos os medicamento genéricos aos pensionistas do regime especial)
  - incentivo de genéricos

Gráfico 30: Despesa corrente das famílias, por principais, por principais prestadores (2006-2011Pe) (variação nominal, 2006=100)





## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### OBJETIVOS

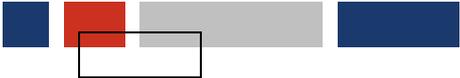
#### Reconhecimento estatístico

(...)

16. Salaria que a medição da economia social é complementar à medição das organizações sem fins lucrativos (OSFL), convida a Comissão e os Estados Membros a promoverem a utilização do Manual da ONU sobre organizações sem fins lucrativos e a prepararem contas satélite que permitam melhorar a visibilidade das OSFL e das organizações da economia social.

Fonte: *Resolução do Parlamento Europeu, de 19 de Fevereiro de 2009, sobre a economia social.*





## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO

Obrigatoriedade: Protocolo com entidade externa (CASES)

Referências metodológicas: **SEC 95**, “*Handbook on Non-Profit Institutions in the System of National Accounts*”, das Nações Unidas (HNPI), “*Manual for drawing up the satellite accounts of companies in the social economy: co-operatives and mutual societies*” do Centre International de Recherches et d'Information sur l'Economie Publique, Sociale et Coopérative (CIRIEC).

Calendário: **2010Pe em Dezembro de n+2; 2010 no 1ºT 2013 (publicação)**

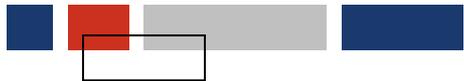
Série disponível: **2010Pe**



## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO





## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO

1. Conta de Produção

2. Conta de Exploração

3. Conta de Afetação dos Rendimentos Primários

4. Conta de Distribuição Secundária do Rendimento

5. Conta de Redistribuição do Rendimento em Espécie

6. Conta de Utilização do Rendimento Disponível

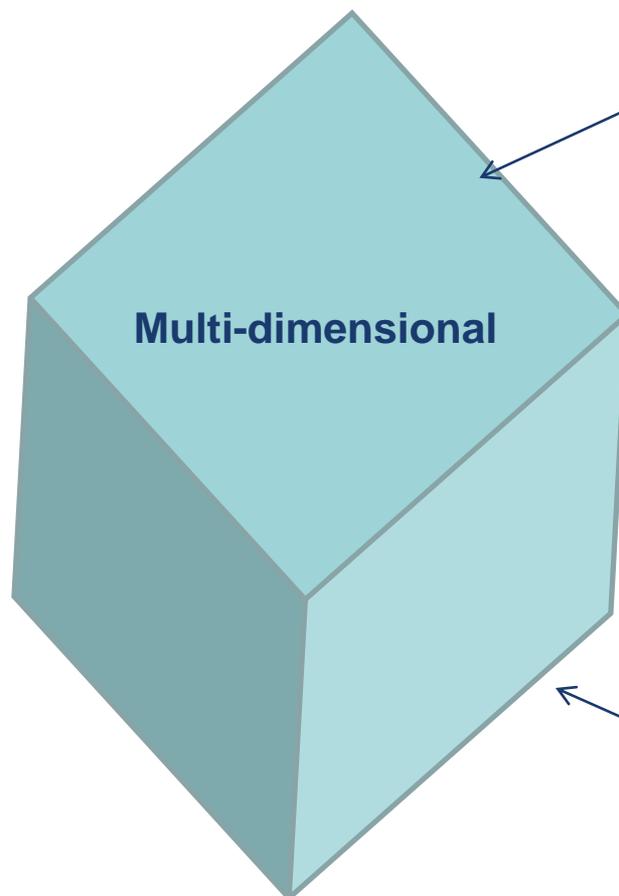
7. Conta de Capital



## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO

Setores  
Institucionais



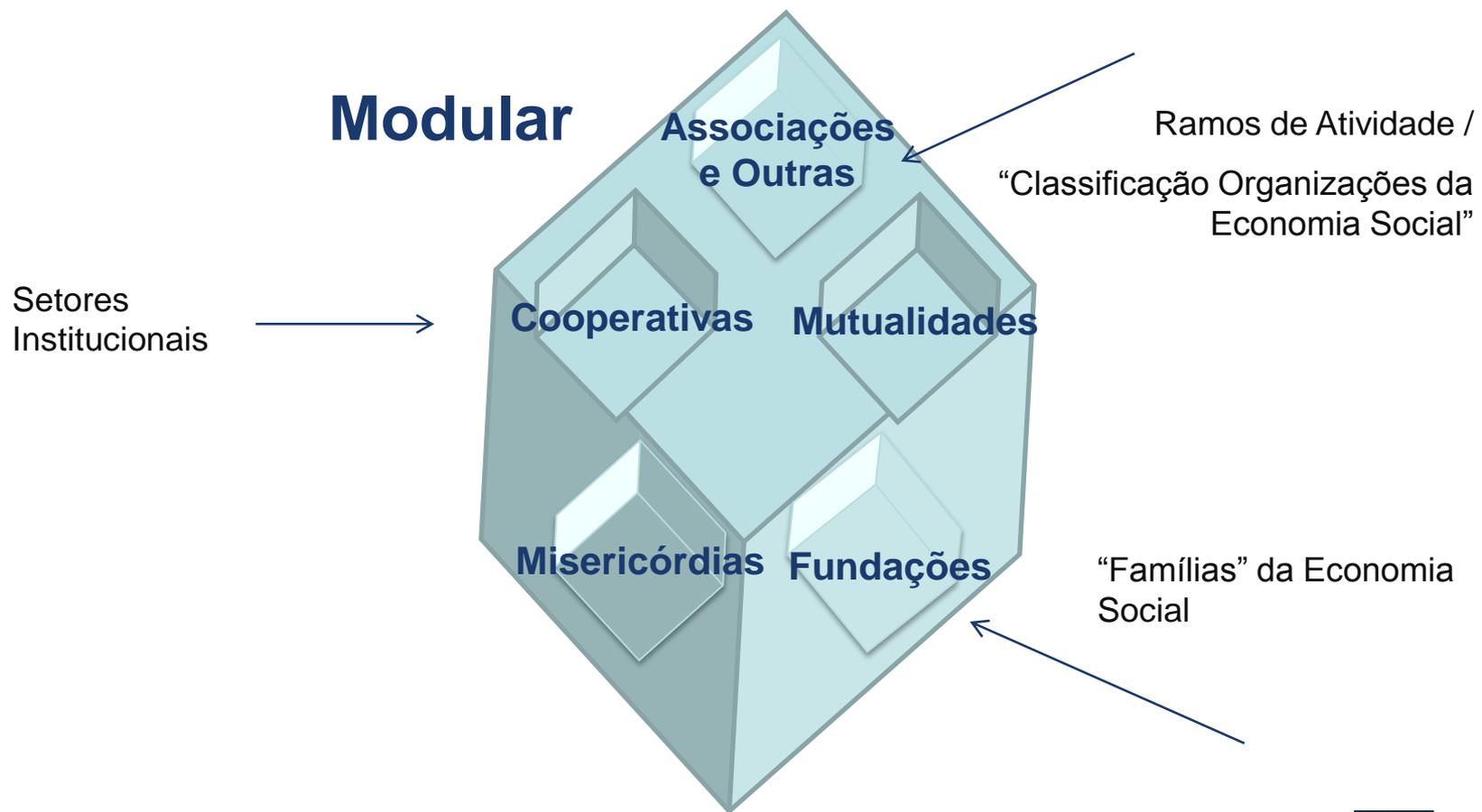
Ramos de Atividade /  
“Classificação Organizações da  
Economia Social”

“Famílias” da Economia  
Social



## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO



## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### RESULTADOS PRELIMINARES

Quadro 1. Principais Indicadores por Atividade (2010)

Classificação das organizações da economia social	Unidades	Emprego	Emprego Remunerado	VAB
	N.º	ETC	ETC	10³Euros
Agricultura, Silvicultura e Pescas	285	962	925	10 617
Atividades de Produção e Transformação	385	6 445	6 377	217 354
Comércio, Consumo e Serviços	669	7 239	7 154	129 280
Desenvolvimento, Habitação e Ambiente	2 719	6 775	6 535	63 598
Atividades Financeiras	98	7 280	7 280	528 826
Ensino e Investigação	2 325	21 811	21 693	502 053
Saúde e Bem-Estar	805	9 461	9 460	149 866
Serviços de Ação e Solidariedade Social	7 740	77 472	77 438	1 763 284
Cultura, Desporto e Recreio/Lazer	26 779	53 386	53 124	287 977
Cultos e Congregações	8 728	21 851	21 851	586 241
Organizações Profissionais, Sindicais e Políticas	2 581	9 776	9 427	17 792
Não Especificadas	2 269	4 799	4 783	3 443
<b>Total da Economia Social</b>	<b>55 383</b>	<b>227 257</b>	<b>226 047</b>	<b>4 260 331</b>
Total da Economia	-	4 792 750	4 138 163	151 413 479
<b>Economia Social / Economia Nacional</b>	-	<b>4,7%</b>	<b>5,5%</b>	<b>2,8%</b>

Fonte: INE, Conta Satélite da Economia Social, dados preliminares; Contas Nacionais

- Heterogeneidade
- Relevância

## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### RESULTADOS PRELIMINARES

Quadro 2. Principais Indicadores por Grupos de entidades da Economia Social (2010)

Classificação das organizações da economia social	Unidades	Emprego Remunerado	VAB	Remunerações	VAB Emprego	Remunerações Emprego Remunerado
	N.º	ETC	10³Euros	10³Euros	10³Euros por ETC	
Cooperativas	2 260	31 783	747 162	657 269	23,5	20,7
Mutualidades	119	4 537	332 249	176 244	73,2	38,8
Misericórdias	381	32 493	518 301	426 939	16,0	13,1
Fundações	537	10 604	361 073	215 124	34,1	20,3
Associações e outras org. da ec. social	52 086	146 630	2 301 546	2 480 158	15,6	16,9
<b>Total da Economia Social</b>	<b>55 383</b>	<b>226 047</b>	<b>4 260 331</b>	<b>3 955 734</b>	<b>18,7</b>	<b>17,5</b>
Total da Economia	-	4.138.163	151.413.479	86.813.942	31,6	21,0
<b>Economia Social / Economia Nacional</b>	-	<b>5,5%</b>	<b>2,8%</b>	<b>4,6%</b>	<b>59,3%</b>	<b>83,4%</b>

Fonte: INE, Conta Satélite da Economia Social, dados preliminares

## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### RESULTADOS PRELIMINARES

Gráfico 2.3.3. VAB/Emprego, por grupo de entidades da economia social (2010)

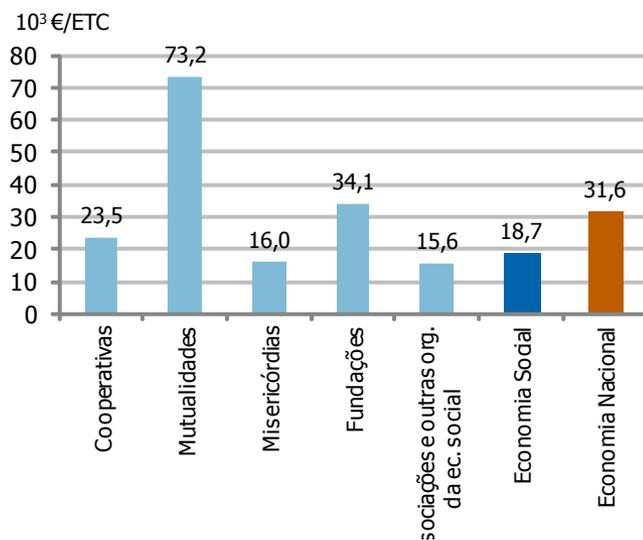
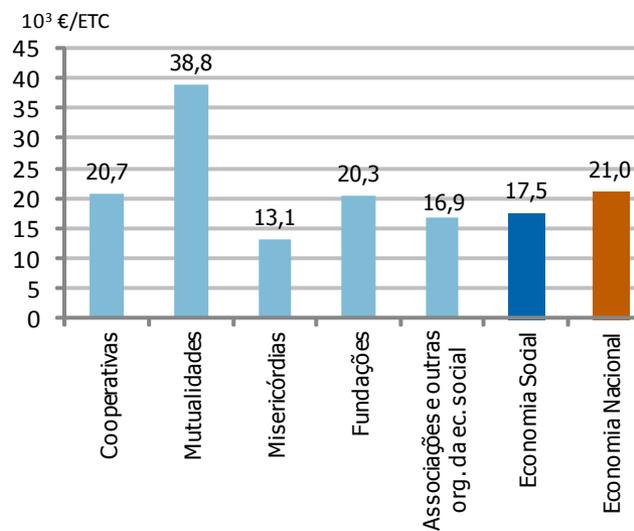


Gráfico 2.4.2. Remunerações/Emprego (ETC remunerado), por grupo de entidades (2010)



## 2.3. CONTA SATÉLITE DA ECONOMIA SOCIAL

### RESULTADOS PRELIMINARES

Gráfico 3.2.1 Peso do VAB da Economia Social e de alguns ramos de atividade, na Economia Nacional (2010)

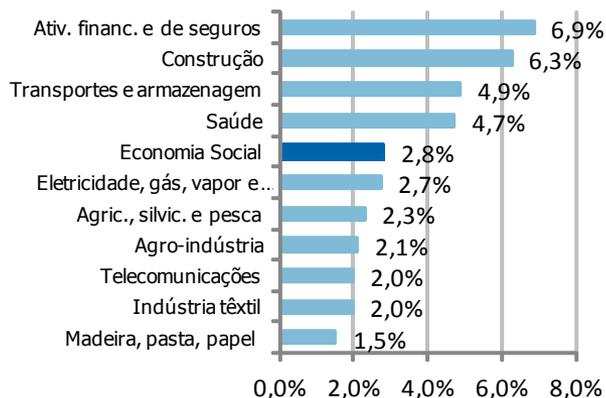
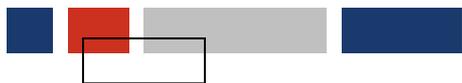


Gráfico 3.2.2 Peso do emprego (rem) da economia social e de alguns ramos de atividade, na Economia Nacional (2010)





# Obrigada pela vossa atenção.

cristina.ramos@ine.pt



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL

2013: Ano Internacional da Estatística

[www.statistics2013.org](http://www.statistics2013.org)

